

Franco Ferrarotti (2011) *L'empatia creatrice. Potere, autorità e formazione umana*. Roma: Armando Editore.

Inês Vieira (ines.vieira@fcsh.unl.pt)

Em *L'empatia creatrice. Potere, autorità e formazione umana*, Franco Ferrarotti oferece-nos uma viagem guiada à sua perspectiva sobre a criação partilhada de conhecimento, acrescentando o pressuposto da *empatia criadora* ao da *identidade dialógica*, explorado anteriormente¹. A partir de algumas redacções inéditas e da reorganização de participações anteriores, explora a vitalidade da entrevista a partir da *empatia criadora*, tomando a verdade científica como património intersubjectivo e o conhecimento sociológico como conhecimento participado. Para ilustrar a sua abordagem à investigação através de histórias de vida mobiliza a sua experiência de tradutor, apresentando a tradução como necessária mediação e instrumento da identidade dialógica. Sugere ainda algumas pistas para o enquadramento de uma pesquisa qualitativa de matriz intersubjectiva: num contexto democrático com algumas fragilidades, propõe-nos repensar as categorias de poder, autoridade e formação humana. Conclui reflectindo sobre a *empatia criadora*, que considera base indispensável à pesquisa qualitativa pela recolha de narrativas biográficas, num sentido neomístico emergente numa sociedade massificada.

A longa e diversa experiência deste autor, ávido praticante da escrita não obstante ter já superado as oito décadas de vida, tem sido externamente reconhecida e premiada e internamente mobilizada para a sua obra. Ferrarotti tem uma vida preenchida por actividades ao nível empresarial (na pioneira italiana Olivetti), de tradução (na editora Einaudi, onde trabalhou com Cesare Pavese e Italo Calvino), de leccionação e investigação (entre Itália – Roma, Florença, Trento – e os Estados Unidos da América – Chicago, Nova Iorque, Palo Alto), por vezes cruzadas com actividade política². Após a sua retirada formal do meio académico tomou a liberdade de unir várias memórias, campos de acção e reflexão em produtos literários divergentes, tendo mantido a importância da filosofia e da sociologia no seu trabalho, mas abrindo cada vez mais as portas ao ensaio/ficção e à interpretação de obras artísticas. Do ponto de

¹ Franco Ferrarotti (2007) *L'identità dialógica*, Pisa: Edizioni ETS.

² A biobibliografia do autor, bem como algumas recensões à sua obra, podem ser consultadas online em <http://lnx.francoferrarotti.com> (consultado a 24 de Outubro, 2012).



vista académico foi particularmente em Roma, ao participar em projectos de investigação sobre o território e os (a seu tempo) emergentes fenómenos do consumo de drogas e da imigração, que Ferrarotti advogou os limites de uma abordagem quantitativa nas ciências sociais. Emergia, assim, a sua opção metodológica pela recolha de histórias de vida.

A presente obra surge precisamente para que o autor exponha a base de formação que considera necessária para o trabalho com narrativas biográficas, assente na passagem da “*filosofia scritta*” à “*sofia vissuta*” (p.60) em descoberta intersubjectiva. Ferrarotti começa por definir entrevista³ – um diálogo que supera a inter-vista no sentido de um processo inter-voz contextualizado; um processo comunicativo em duas vias, a co-investigação que conduz à queda das assimetrias entre entrevistador e entrevistado. Para tal, advoga o vitalismo numa relação interpessoal que conduza a uma evolução criadora. Considera necessário admitir o limite do historicismo: pela sua esquematização explicativa causal, pela valorização do sucesso em detrimento do marginal, pelas dificuldades na mobilização conceptual entre épocas, culturas e valores. Salienta a importância da observação participante (a partir de Le Play) para a passagem de uma observação natural a uma observação científica com rigorosa mobilização conceptual, indicando explicitamente cada assunto e apresentando a derivação lógica das hipóteses. Considerando prioritário o estudo dos papéis sociais (qual conceito mediador entre pessoa/elementos individuais e estrutura/elementos colectivos) e a sua crise, Ferrarotti propõe-nos que a entrevista aberta para recolha de histórias de vida seja o instrumento mais produtivo para os aferir.

A ideia de uma *empatia criadora* prevê coragem para entrar no mistério e aceitar o risco da imprevisibilidade do que é o outro, tomando a verdade não como um dado mas sim como um problema; não individual mas sim intersubjectiva⁴. Tal conhecimento (sociológico) participado não deixa de apresentar importantes discontinuidades: entre a verdade científica e a verdade humana, entre ciências da natureza e ciências históricas da cultura e da sociedade, entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa, entre o histórico (sistematizado, ordenado e catalogado com imputação causal) e o vivido (mágico, de matriz condicional, que avança e recua). Considerando que a continuidade histórica não corresponde à continuidade existencial, Ferrarotti sugere que a pesquisa sociológica

³ Capítulo 1: "Prologo" (pp. 9-46).

⁴ Capítulo 2: "Prologomeni" (pp. 47-95).



se desenvolva em contextualização, temporalização e interacção até à saturação – com a precaução de, ao se realizarem entrevistas até ao ponto de se estabelecerem recorrências, correr o perigo de resvalar na estandardização do vivido e na quantificação do qualitativo. O autor defende a necessidade de deixar emergir os problemas através das histórias de vida, aprendendo a escutar e permitindo o tempo necessário para compreender o movimento desigual entre o histórico e o vivido⁵.

É na escuta que se foca ao mobilizar a experiência de tradução⁶. Considera que traduzir consiste no acto de interpretar profundamente e reinventar o conteúdo em nova língua, diferente da luta do escritor (sempre revolucionário) com a língua na qual cria um novo espaço de invenção. A compreensão da actividade tradutora é essencial para o investigador em interacção com o entrevistado e encarando o seu multilinguismo, ao exemplo do imigrante que vive entre língua mãe, línguas do exílio, línguas do poder e línguas mortais ou do esquecimento – sons que permanecem, qual levedura, em tensão com os restantes sons emergentes. Esta luta vê-se acentuada pelos paradoxos entre o local e o global, pelas contradições de uma democracia praticada na fragilidade da opulência ocidental, modelo hegemónico da ordem mundial que condiciona representações e representatividades⁷.

Ferrarotti propõe-nos reflectir sobre o poder⁸, conceito aplicável na chance (a partir do contributo de Weber) ou vértice entre a habilidade pessoal e a "sorte" contextual. Fala-nos de poder como recurso ou mercadoria escassa (recordando C. Wright Mills) mas também como capacidade geral de mobilização dos recursos comunitários potencialmente infinitos para enfrentar e resolver problemas comuns com decisões e operatividade (do contributo de Talcott Parsons). Fala-nos ainda do poder num filão estrutural, objectivamente relevante e formalmente codificável (ao nível jurídico), e num filão relacional, observando no poder a relação humana e a realidade intersubjectiva.

Da percepção subjectiva do poder à autoridade, o autor sugere que observemos a relação interpessoal fluida e aberta, pressupondo legitimação e configurada num poder caracterizado essencialmente pela existência de um comando com determinado conteúdo e que obtenha obediência. Apresenta-nos, então, o que considera ser a

⁵ Capítulo 3: "La conoscenza sociologica come conoscenza partecipata" (pp. 97-119).

⁶ Capítulo 4: "La traduzione: mediazione e strumento dell'identità dialogica" (pp. 121-139).

⁷ Capítulo 5: "La democrazia: sostanza e procedura" (pp. 141-149).

⁸ Capítulo 6: "Potere, autorità, formazione umana" (pp. 151-169).



ambiguidade do poder. Por um lado, uma situação de poder não se determina no isolamento, requerendo uma relação (por natureza ambígua). Por outro lado, o poder é uma relação social, mas nem todas as relações sociais são relações de poder. O poder é, então, a capacidade de fazer alguma coisa ou de não a fazer, não obstante possíveis facilitações ou resistências internas ou externas. A autoridade, por seu lado, pode ser antónima de si mesma, transformando-se de "*autorevole*" (característica de uma autoridade atribuída, legitimada e positivamente percebida) em autoritária no momento em que desancora a política e o poder da ética e aproveita a sua capacidade de expansão para aplicar um "poder nu" num fenómeno autoritário.

Ferrarotti apresenta-nos, ainda, a sua visão sobre o neomisticismo na sociedade massificada⁹; fá-lo para ilustrar o sentido místico da *empatia criadora*. O autor considera que as sociedades modernas são massificadas e líquidas, contextos dos quais emerge um neomisticismo em que o novo místico se confunde com os outros, trabalhando no seu interior como que uma levedura misteriosa. Esta ligação pode conduzir à autoalienação do eu no outro, ao reconhecimento e revivência na alteridade. Ferrarotti interpreta-o como uma oportunidade, não como fuga do mundo, autonegação ou esvaziamento para ser preenchido por uma ideia de Deus. Para o autor, trata-se de criar disponibilidade para o exterior, desafiando o mistério e o desconhecido e realizando-se na "participação observante"¹⁰ – partilhando experiências efectivamente vividas em profundidade, reencontrando na realidade o mistério do outro.

O autor mobiliza então o contributo vivencial de Simone Weil. Apresenta-a como a peregrina do absoluto¹¹: uma personalidade carismática, que tanto abraçou clássicos filosóficos quanto sustentou um discurso ideológico-político de base anarquista, passando pela participação na guerra civil espanhola e na vida de operária fabril, até à procura (sempre reservada de comprometimento) de uma exploração do misticismo na igreja católica. Não obstante as críticas que foram tecidas a Weil por outros autores, Ferrarotti considera-a na virtude fundamental da recusa de uma dupla moral. Recusa a distância entre a regra ética e o comportamento prático, vivendo numa coerência absoluta e cruel que rejeita compromissos. Ferrarotti toma Weil como

⁹ Capítulo 7: "Il neo-misticismo nella società massificata" (pp. 171-189).

¹⁰ A inversão dos termos é do autor: "È l'idea centrale del neo-misticismo: partecipare come condividere. Non mera osservazione partecipante (o *participant observation*), come dicono i metodologi della ricerca sociologica, ma partecipazione vissuta, *partecipazione osservante*, ossia condivisione di esperienze effettivamente vissute fino in fondo. Realtà e mistero dell'altro. Il neo-misticismo ritrova l'altro." (p. 180, destaques conforme o texto)

¹¹ Reflexão que iniciara em 1996 na obra *Simone Weil, pelegrina dell'assoluto*, Pádua: Edizioni Messaggero di S. Antonio.



exemplo para uma vivência em entrega, de modo a ser possível compreender a sequência participação – partilha prática – transmutação – substituição, desenvolvendo a empatia. O autor considera que é esta empatia que conduz a um verdadeiro diálogo, a partir da transmutação do eu no outro e da comunicação enquanto comunhão, num espaço de sinergia empática que supera o dito e faz emergir o não dito.

L'empatia creatrice. Potere, autorità e formazione umana é produto de uma reflexão filosófica madura sobre a intersubjectividade, designadamente no que respeita à criação de empatia conducente à produção de conhecimento. Organiza-se em sete capítulos e dois anexos, com um encadeamento lógico mas que, por vezes, se assemelha a um produto cumulativo. Seria mais fácil para o leitor se uma maior integração entre os tópicos e uma revisão/edição monolíngue ocorressem – o que, por outro lado, poderia tirar espaço à livre interpretação do que possa ser a formação humana numa perspectiva de empatia criadora e do multilinguismo inerente a cada um(a).